

KOSOVO

Paz à Força

Cel.-Int. Jorge Luiz Michelin

"O ódio é, de muito, o prazer mais longo. Os homens amam depressa, mas detestam devagar."

(Lorde Byron, poeta inglês)



Desde os primeiros tempos da humanidade os homens se matam.

A forma como isto ocorre, varia no tempo. As armas usadas, também. Nos motivos ou nas justificativas, há sempre um ingrediente fundamental: o ódio. Odiar é humano. É um sentimento de particular interesse dos homens das Forças Armadas. Se existem ódios mortais até no interior das melhores famílias, o que não imaginar no relacionamento das nações ou das civilizações? As guerras aumentam o ódio entre as populações e tornam muito mais difícil o retorno a uma paz duradoura. Quando conduzidas com elevado grau de crueldade e atrocidade ensejam, sempre, uma futura e certa vingança.

A Península Balcânica, também conhecida como “o berço das guerras”, ou então, “o barril de pólvora da Europa”, reúne nações que, há mais de um século, convivem com fantasmas, como o da “limpeza étnica” (execuções, massacres, estupros, remoções em massa). Essas atrocidades são conseqüências de ódios étnicos e religiosos, passados e atuais, originados e alimentados em conflitos com raízes seculares. Ao referir-se a esta península, localizada no centro da Europa, Henry A. Kissinger cita-a como “uma região de ódios apaixonados”. A Primeira Guerra Mundial começou nos Bálcãs, em decorrência de um incidente local, em que ocorreu a intervenção de potências externas. Não teve como causa os desentendimentos étnicos característicos da região, mas sim a interferência de potências estrangeiras em uma questão local, exatamente como aconteceu há pouco com a OTAN.

Sendo uma rota entre a Europa e a Ásia e entre o Mediterrâneo e o Mar Negro (fig. 1), esta península teve sempre grande importância política e econômica, tornando-se alvo dos mais poderosos conquistadores. Pelos séculos assistiu a geografia mudar



Fig. 1 Península Balcânica

freqüentemente, nos seus limites, com uma história que sempre se repetiu: povos tentando impor cultura, nacionalismo, religião. Em suma, sua vontade a outros que se defendendo, sobreviviam, tolerando as imposições à força, sem perder a identidade e aguardando o tempo da volta, da vingança.

Por ser uma região montanhosa, de rios curtos - fatores que dificultam a mobilidade e a comunicação entre os grupos - abriga hoje em torno de vinte e oito etnias diferentes. Essas etnias sempre conviveram sob o comando de grandes impérios estrangeiros, buscando sua soberania e identidade por meio dos movimentos nacionalistas, como, por exemplo, os movimentos para a construção de uma “Grande Sérvia” e, por outro lado, para a construção de “uma Grande Albânia”. A história dos Bálcãs é o pano de fundo das disputas, e ninguém consegue entender os fenômenos balcânicos sem conhecer os eventos essenciais que a caracterizam.

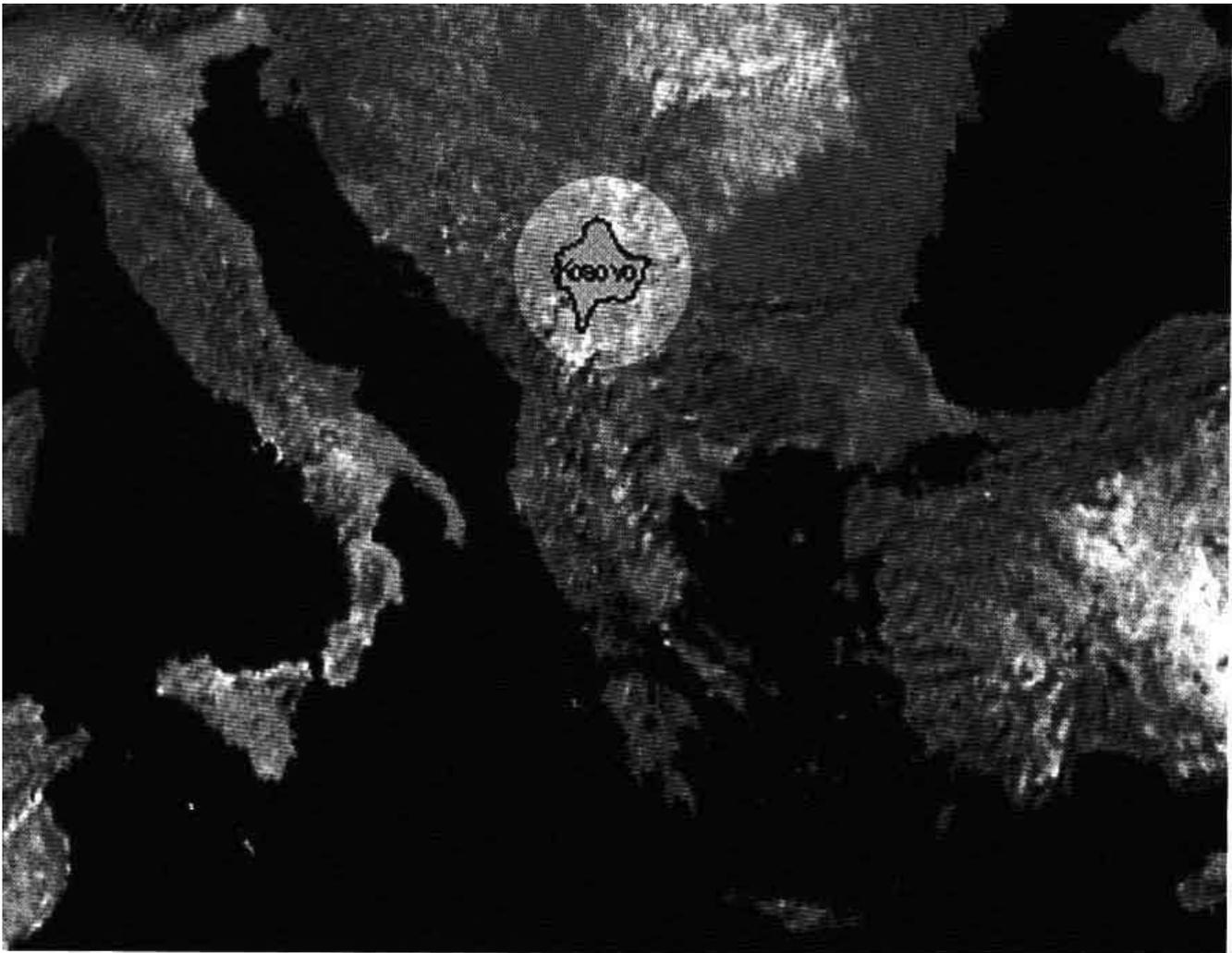


Fig. 2 - Kosovo

Os Bálcãs são uma região Central da Europa Continental, habitada desde os tempos pré-históricos. As guerras entre as cidades gregas de Atenas e Esparta, ambas localizadas na península maldita, nos dão uma idéia, nos tempos antigos, dos incêndios que por ali grassaram. Seguiram-se as conquistas dos Impérios Romano, Bizantino, Turco-Otomano e Austro-Húngaro.

Kosovo (fig. 2), uma província da Sérvia, é terra dos Bálcãs disputada por dois povos: sérvios e albaneses. Os sérvios, como os eslovenos, búlgaros e croatas são descendentes dos bárbaros YOUUG-SLAV (eslavos do sul), que chegaram à região por volta do ano 600. São cristãos ortodoxos como russos, búlgaros e gregos. Falam um idioma que usa o alfabeto cirílico. O sul da Iugoslávia, incluindo Kosovo, era o território original da nação sérvia na Idade Média. No século XI, a Sérvia constituiu um reino independente, e

Kosovo foi a região mais importante deste reino que alcançou o apogeu nesta época. A nobreza sérvia foi totalmente dizimada pelo turcos-otomanos, na batalha de Kosovo, em 1389. O povo sérvio, expulso pelos Otomanos, abandonou a Província, fugindo para o norte. Os albaneses, que viviam nas montanhas vizinhas, passaram a habitar as aldeias sérvias. Quinhentos anos depois, os sérvios reconquistaram as terras de Kosovo: região mais importante do apogeu do reino da nação sérvia. O campo de batalha é considerado, até hoje, como local sagrado e a data comemorada como grande evento nacional. Referem-se a esta batalha como a "gloriosa derrota de Kosovo". O povo conta: "o sangue jorrou tocando a barriga dos cavalos e até a cintura dos cavaleiros".

Os sérvios, juntamente com os montenegrinos, representam 10 % da população de Kosovo.



O Kosovo é uma província da Sérvia (fig.3), com uma área de 10.887 Km², correspondente à metade do nosso estado de Sergipe. No campo dos melros ocorreu uma grande batalha em 1389. Os sérvios lutam, e perdem, uma batalha para os Turcos Otomanos, no Kosovo. Apesar da derrota, "Kosovo Polje," como é conhecida, é celebrada no folclore dos sérvios e permanece como um símbolo de orgulho sérvio, considerado seu centro político-espiritual. Como diz Milosevic "berço de nossa cultura e religião". Em 1913, após a queda do império otomano, o Kosovo foi anexado à Sérvia. Em 1946, tornou-se uma província autônoma da Sérvia, fazendo parte da República da Iugoslávia.



Fig.3 - Kosovo: uma província da Sérvia.

Os albaneses são descendentes dos árabes, muçulmanos, falam o albanês e a grande maioria pertence ao Islamismo. Habitam a região desde os tempos do Império Otomano e consideram os ilírios, seus ancestrais, habitantes do Kosovo por volta de 1.200 a.C. Alegam que, na batalha de Kosovo, os turcos-otomanos venceram uma coalizão de povos balcânicos, e não somente o povo sérvio combateu os novos conquistadores. Hoje são em número de cinco milhões e quinhentos mil. Três milhões e meio habitam a Albânia e 2 milhões, o Kosovo e os arredores. A Albânia é o único país do mundo que, de certa forma, faz fronteira

consigo mesma, porque toda população vizinha à fronteira com Montenegro, com a Sérvia e com a Macedônia é totalmente de origem albanesa. Os "albaneses étnicos" (assim são chamados os albaneses nascidos em Kosovo) representam 90% da população da província.

Os desentendimentos entre as duas etnias começam nas versões contundentes da própria história: quem chegou primeiro a Kosovo, ou quem participou da gloriosa batalha contra os turcos, ou quem começou a matar quem. Kosovo somente foi libertado dos turcos-otomanos e anexado à Sérvia em 1913, quando também a Albânia conquistou sua independência, após as lutas localizadas nesta província, e com a ajuda de albaneses nascidos no Kosovo. Os conflitos entre sérvios e albaneses desde esta época foram sendo constantes. Em 1912, Sérvia, Montenegro, Grécia e Bulgária unem-se e expulsam os turcos da Macedônia e da Trácia. Foi a Primeira Guerra Balcânica e na luta pelo domínio de Kosovo, 30.000 albaneses foram exterminados. Foi o primeiro massacre sérvio contra os albaneses que a história registrou.

Após a derrota do Império Áustro-Húngaro, na 1ª Guerra Mundial, o Tratado de Versalhes definiu novos limites aos estados balcânicos. Kosovo foi integrado ao recém criado Reino dos Sérvios, Croatas e Eslovenos. Os albaneses rebelaram-se contra esta decisão e os sérvios reprimiram expulsando-os da região, fechando escolas, confiscando terras e estimulando a imigração sérvia para a província.

Em 1929, o país torna-se uma monarquia absoluta. Suas regiões são divididas, sem considerar a composição racial, e seu nome é mudado para Iugoslávia (Iugoslávia significa "terra dos eslavos do sul"). Na verdade, não era uma reunião de eslavos iguais, mas uma união dos eslavos do sul sob a proteção e o controle dos sérvios. Sob uma ditadura feroz,



os sérvios impuseram sua vontade sobre as outras etnias.

Na Segunda Guerra Mundial, todos os países balcânicos se uniram ao eixo, menos a Iugoslávia e a Grécia, que não aceitaram o nazismo. A Iugoslávia foi invadida pelos alemães, que impuseram um regime fascista, liderado pelos croatas. O movimento terrorista Ustache, fascistas croatas, liderados por Ante Pavelic e fantoches dos alemães, praticaram limpeza étnica na região, assassinando em torno de 650 mil sérvios, judeus e ciganos nos campos de concentração que controlavam. Alguns muçulmanos juntaram-se ao Ustache. A Albânia foi ocupada pela Itália que anexou Kosovo formando a "Grande Albânia". Neste momento grande quantidade de albaneses migra para Kosovo. Albaneses foram incorporados em uma divisão SS, chamada de Skanderberg (nome de um herói nacional albanês das lutas contra o Império Turco-Otomano). Foi a vez dos albaneses praticarem limpeza étnica contra os sérvios em povoados do Kosovo. Vários grupos guerrilheiros se formaram nos Balcãs, nesta época, e suas ações eram caracterizadas pela crueldade e barbarismo. Um desses grupos, chamado Partisans, liderado pelo croata Josip Broz Tito, recebeu ajuda dos ingleses e americanos e, em 1944, libertou Belgrado dos alemães. Extinguiu a monarquia e criou, em 29 de novembro de 1945, a República Federal Socialista da Iugoslávia (SFRY), formada por seis repúblicas: Eslovênia, Croácia, Bósnia-Herzegovina, Sérvia, Montenegro e Macedônia (fig 4).

Cada república tinha seu governo e seu presidente e possuía um razoável poder. A

Fig. 4 - Iugoslávia: (1945 - 1991), Federação composta por seis Repúblicas.



República Sérvia possuía duas províncias autônomas (mais ou menos em nosso nível municipal): Kosovo e Voivodina. Tito, que era filho de mãe croata e pai esloveno, inspirado em Maquiavel, matou todos os seus inimigos e controlou a Iugoslávia por 35 anos. Sua estratégia para manter o convívio pacífico entre as etnias foi a concessão de autonomia às regiões da federação, ora concedendo mais autonomia ora permitindo migrações. Tito dizia: *"governo um país com seis repúblicas, cinco nações, quatro línguas, três religiões, dois alfabetos, e um partido"*.

Ele deixou que os albaneses étnicos governassem Kosovo como quisessem. Assassinatos, roubo de propriedades, estupros, casas queimadas eram coisas normais na província; sem que medida alguma fosse tomada pelo governo central. Assim, em decorrência dessas atrocidades, depois da metade deste século, mais de quinhentos mil sérvios foram forçados a abandonar Kosovo.

Em 1974 uma revisão na constituição Iugoslava concede a autonomia a Kosovo.



Os albaneses introduziram a língua albanesa nas escolas e passaram a observar os feriados do islamismo. Setores kosovares albaneses, controlando a polícia, continuaram a expulsar os sérvios da região.

Tito morreu em 1980. Logo em 1981 começaram manifestações de rua contra as condições de trabalho em Kosovo, realizadas por estudantes kosovares de etnia albanesa. Somente 12% dos albaneses possuíam emprego; eles tinham a taxa de mortalidade infantil mais alta da Europa. Assim, se reinicia uma escalada de violência para que os sérvios e montenegrinos abandonem a província. Slobodan Milosevic, que em 1987, sobe ao poder na Iugoslávia, reacende as chamas do nacionalismo sérvio, enquanto os direitos civis dos albaneses continuam sendo limitados e reduzidos. Nessa época, liderando o retorno dos sérvios expulsos de Kosovo pela polícia albanesa, Milosevic pronunciou as frases que o tornaram herói do nacionalismo sérvio: “Ninguém tem o direito de bater no povo! Ninguém nunca mais vai maltratar vocês! A partir daí, explorou um crescente descontentamento dos sérvios com relação ao sentimento nacionalista em relação às outras etnias. Foi em Kosovo, que Milosevic lançou seu manifesto nacionalista por uma “Grande Sérvia”, que inclusive incluiria parte da Croácia e da Bósnia.

Após a morte de Tito, o governo da Iugoslávia passou às mãos de um grupo rotativo, mas somente em 1989, quando os regimes comunistas são derrubados em toda

a Europa, surgiu o multipartidarismo e, em 1991, a Iugoslávia começou a se desintegrar (fig.5).

Eslovênia, Croácia e a Bósnia-Herzegovina declaram a independência da Iugoslávia, iniciando uma luta étnica entre croatas, muçulmanos e sérvios. “Se a Croácia pode deixar a Iugoslávia, nós os sérvios, 32% da população, temos o direito de deixar a Croácia”. Milosevic afirma: “se a Iugoslávia se desintegrar, algumas fronteiras devem ser modificadas para poder manter



Fig.5 -Desintegração da Iugoslávia

▨ Iugoslávia de 1945 - 1991

▣ Fronteiras da Iugoslávia hoje

unido o povo sérvio”. Toda a Bósnia entrou numa guerra civil completa. O território da Bósnia, pelo acordo de Dayton, foi dividido numa federação Muçulmano-Croata (51%) em uma República Sérvia com 49% das terras.

Forças sérvias massacraram milhares de muçulmanos bosnianos e levaram a efeito uma “limpeza étnica” expulsando os muçulmanos e não-sérvios das áreas da Bósnia sob o



controle dos sérvios. Os líderes albaneses kosovares, observando os massacres na Croácia e Bósnia, decidiram reivindicar a independência do Kosovo de forma pacífica. Os albaneses de Kosovo viram nas independências da Eslovênia, Croácia e Bósnia que a crueldade e a violência das tropas sérvias chegaram a assustar o mundo. A crueldade deve ter ocorrido em via de mão dupla, porque o número de refugiados sérvios expulsos da Croácia, Eslovênia e Bósnia chegou a 650.000.

Em 1989, dissolvendo o parlamento regional e o governo, Milosevic retirou a autonomia que os albaneses de Kosovo conquistaram em 1974, na época de Tito. A lei marcial foi imposta, e focos de tensão foram aumentando, o que levou ao surgimento do Exército de Libertação do Kosovo (UCK), movimento de origem marxista, que tem por objetivo a independência da província, transformando-a num novo país. Esse exército anunciou sua criação com uma série de atentados a bomba. Os albaneses de Kosovo, em 1992, votam a separação da Sérvia e da Iugoslávia, indicando o desejo de fundir o Kosovo com a Albânia. Ibrahim Rugova é eleito presidente, clandestinamente. Belgrado considera ilegal. Quanto aos objetivos dos radicais nacionalistas albaneses, um disse numa entrevista: “o objetivo é uma Albânia que inclua o oeste da Macedônia, Sul de Montenegro, parte do sul da Iugoslávia, o Kosovo e a própria Albânia”.

O Exército de Libertação do Kosovo (UCK) começa a matar policiais sérvios e outros que colaboram com eles. Estabelece áreas controladas e limitadas aos sérvios. Chega a controlar 40% do território do Kosovo antes da chegada do exército sérvio. Em 1977 o reitor da Universidade de Pristina, que era sérvio, é assassinado pelo UCK. Essas ações da guerrilha, matando policiais sérvios, leva Milosevic a agir de forma mais dura no Kosovo.



Fig. 6

OTAN

PACTO DE VARSÓVIA

Cortina de Ferro

Em 1998, ocorre uma escalada de violências entre sérvios e albaneses. O exército sérvio (VJ) e as forças paramilitares (MUP) passam a perseguir, torturar e matar albaneses. Essas tropas, enviadas para a área controlada pelo UCK, começam a destruir propriedades, envenenar poços de água, queimar casas, estuprar mulheres, enfim, expulsar os albaneses de suas casas e cidades, à semelhança do que estes fizeram na época de Tito.

A comunidade internacional preocupada com o alastramento da violência propõe um acordo de paz, através do Grupo de Contato (constituído de Inglaterra, França, Alemanha, Itália, Rússia e Estados Unidos), em que basicamente a província voltaria a ter autonomia. A independência seria decidida por plebiscito três anos depois, e tropas da OTAN passariam a monitorar o processo. Enquanto continuavam os massacres no Kosovo, em Rambouillet (França), os albanenses concordam em assinar o acordo.

A proposta foi colocada em votação no parlamento sérvio e rejeitada por 204 votos a 0. A Iugoslávia se recusou a assinar. As conversações foram suspensas. Os observadores da OSCE (Organização para a Segurança e Cooperação na Europa) foram retirados do Kosovo.

Alegando motivos humanitários e acusando os iugoslavos de maltratar o seu próprio povo, a OTAN (Fig. 6), em 24 de março de 1999 inicia os ataques aéreos contra



a Iugoslávia. O início da guerra fez crescer ainda mais o ódio existente entre sérvios e albaneses, aumentando a limpeza étnica por meio de massacres e de expulsão dos albaneses de suas casas e cidades. Em torno de 800.000 albaneses abandonaram Kosovo e segundo a OTAN, em mais de cem massacres, foram mortos mais de dez mil.

Foram necessários setenta e oito dias de ataques aéreos para dobrar a vontade de Slobodan Milosevic. Mesmo assim, o fim do conflito e as condições do acordo foram definidas na Alemanha, pelos Estados Unidos, União Européia e Rússia. Milosevic acabou aceitando o que lhe fora proposto e não concordara, antes da guerra. O Kosovo passou a ser um protetorado da ONU, através de uma força de ocupação de Kosovo (KFOR). Não se falou mais em independência. As tropas sérvias, novamente, abandonaram a província, conforme um cronograma acordado, fazendo-o segundo a mais conhecida tradição dos balcãs: incendiando, destruindo, matando, enfim, não deixando, por onde passavam, se possível, arbusto com mais de quinze centímetros de altura.

As forças sérvias têm uma tradição milenar de não se render a nenhum inimigo. Na Primeira Grande Guerra perdeu 57% de sua população masculina. Na Segunda Guerra Mundial contou um milhão e setecentos mil mortos, o equivalente a um décimo da população, (Fig. 7).

Este país que combateu o império romano, bizantino, Turco-Otomano, Austro-Húngaro e desafiou Hitler e Stalin, todos nos momentos de maior poder, que lutou ao lado dos aliados nas duas guerras mundiais, que várias vezes abandonou Kosovo e voltou mais tarde, resistindo assim a todas as ocupações estrangeiras através da história - aceitará a ocupação de seu território



Fig.7

por tropas estrangeiras, como a da OTAN?

No acordo de paz, Kosovo não foi dividido em regiões onde devem habitar os albaneses e outra onde devem habitar os sérvios, como ocorreu na Bósnia. Porque não dividir Kosovo conforme proposta dos ultranacionalistas sérvios? (Fig. 8)

Fig.8

Projeto de Divisão do KOSOVO proposto pelos Sérvios



Mesmo com a KFOR, (Fig. 9) os sérvios se sentirão inseguros em habitar ao lado dos albaneses. Estes últimos, provavelmente, serão a totalidade da população de Kosovo.

O UCK tinha como objetivo a independência da Província. Como conceber esse território sérvio, agora sem população sérvia, apenas com certa autonomia?

Quando acabará o protetorado da ONU sobre Kosovo? Sem a KFOR e sem a independência, tudo voltará ao que era antes da guerra. A sérvia jamais irá concordar em perder esta terra sagrada, mesmo que, agora, as instituições kosovares se forjem sob vontades e regras da população albanesa.

Ao analisar a história pode-se concluir que grupos étnicos convivem em paz somente por imposição. Nos Bálcãs, a paz entre a etnias foi mantida pelos impérios

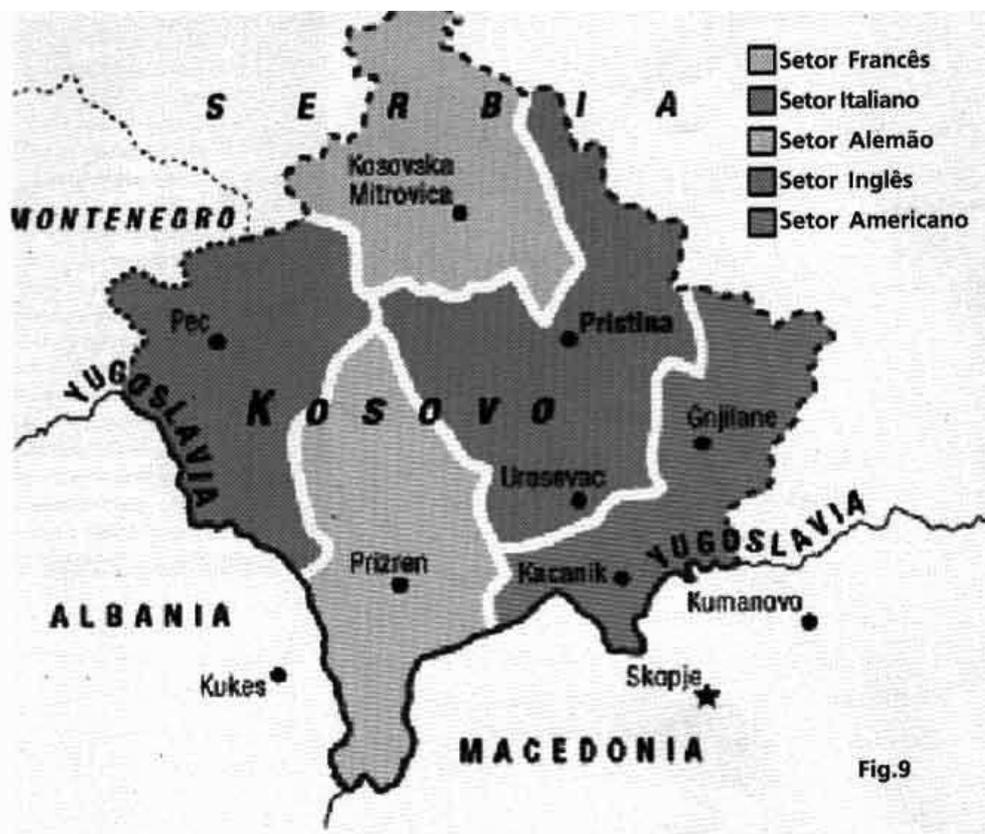


Fig.9

bizantino, otomano, áustro-húngaro, pelos reis sérvios (através de ditaduras), Tito e, agora, a OTAN. A guerra acabou, o ódio entre albaneses e sérvios aumentou. Até hoje ninguém conseguiu colocar ordem nos Bálcãs. Será que as tropas de paz da ONU irão completar esta tarefa? Elas estão impondo a coexistência pacífica de sérvios e albaneses, da mesma forma como sempre aconteceu na história daquela região, isto é, a imposição da **Paz à Força**.

BIBLIOGRAFIA

1. Conflict in Kosovo. World Book Encyclopedia Presents. Disponível: <http://www.worldbook.com/fun/bth/kosovo/html/kosovo.htm>. (Capturado em 10 mar. 2000).
2. GLENNY, Misha. The Fall Of Yugoslavia. New York, Penguin Books, Ltda Inc., 1996. 313 p.
3. JUDAH, Tim. Kosovo, War and Reverse. New Haven and London, Yale University Press, 2000. 348 p.
4. KISSINGER, Henry. Ferindo a História. AE-Newsweek, Washington, 02/04/1999.
5. _____. A Nova Desordem Mundial. AE-Newsweek, Washington, 31/05/1999.
6. KONOMI, Arjan. Viaggio nel Cuore del Kosovo che Combate. Rivista LIMES, Roma, Gruppo Editoriale L'Espresso, 1998, nº 1/98
7. MALCOLM, Noel. Kosovo, a Short History. Harper Collins Publishers Inc., New York, 1999.
8. WAACK, Willian. O Berço das Guerras. Revista Época, São Paulo, Editora Globo, Ano I, nº 48, 1999.
9. Yugoslávia a Ferro e Fogo. Disponível: <http://www.terraviva.pt/Enseada/2392/index.html> (Capturado em 15 jun 2000).

